

Norte do distrito

Um território envelhecido que vê chegar cada vez mais estrangeiros



Demografia O cenário não é animador se olharmos para os números da população residente no Norte do distrito. Para inverter os números será preciso criar emprego, serviços e aumentar o poder de compra. A procura por uma qualidade de vida superior ajuda a alterar a tendência da desertificação

Camilo Soldado

Em 2019, nasceram quatro crianças em Castanheira de Pera e morreram 27 pessoas. Em apenas dois indicadores, e feitas as contas, não é difícil perceber que o saldo é negativo. São também dois indicadores que ajudam a perceber o cenário de sangria demográfica na maioria dos concelhos do Norte do distrito de Leiria.

Se recuarmos um pouco mais no tempo, o panorama é ainda mais impressionante: desde 2009, Castanheira de Pera perdeu 25% da população residente (ver gráfico). É o município onde a queda é mais expressiva, mas os vizinhos também não têm razões para festejar: Pedrógão Grande perdeu 17,2% dos residentes, Figueiró dos Vinhos perdeu 13,4%, Alvaiázere

12,5%, e Ansião 10,3%.

Não há só um dado que explique esta descida vertiginosa. Há um conjunto de fatores que, somados, mostram o preço de uma periferia em acelerada perda, mesmo quando a Região de Leiria (-3,6%) e o país (-2,7%) também tenham perdido população no mesmo período, embora a um ritmo mais brando.

Há a tendência nacional de migração para o litoral, que se liga ao movimento global de concentração de população nas cidades, a que Portugal também não é estranho. Mas depois também há questões como um poder de compra inferior à média nacional e a menor densidade de serviços públicos.

A presidente da Câmara Municipal de Castanheira de Pera, Alda Carvalho, concede que os

números são impressionantes, mas que se explicam essencialmente com a um declínio da indústria, sobretudo a partir dos anos 1980. Depois há três vetores – saúde, educação e cultura – que contribuem para a perda de população. E exemplifica: a partir do 10º ano, os jovens de Castanheira têm que sair do concelho para continuarem a estudar.

A receita do autarca de Figueiró dos Vinhos, Jorge Abreu, é simples na teoria, difícil na prática. “Para fixar pessoas, o prioritário é criar postos de trabalho”, refere. Para isso, cada autarquia tem que apostar nas potencialidades locais.

Nascido em Figueiró dos Vinhos, Sérgio Godinho é um jovem de 27 anos que saiu do concelho para continuar os estudos. Escreveu uma distopia, em que o des-

povoamento de Figueiró é levado ao extremo, mas diz esperar que isso não aconteça. Atualmente a trabalhar em Lisboa, diz que praticamente todos os seus contactos próximos saíram do concelho, seguindo a tendência indicada pela estatística. “Esperemos que seja revertida porque ainda vai a tempo. Ainda há lá alguma gente a viver e as pessoas ainda gostam de lá viver”, afirma.

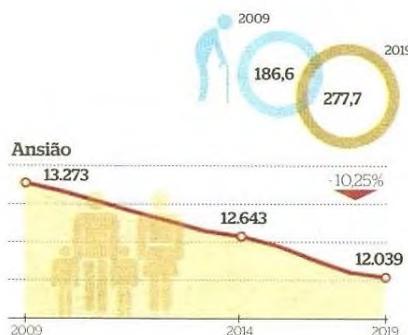
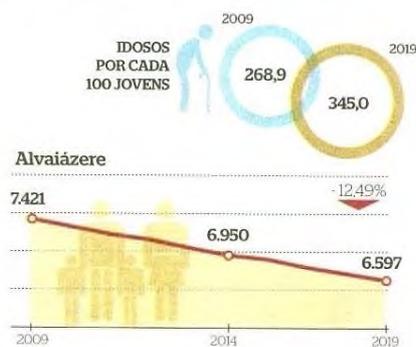
Apoios às famílias

Olhando para os dados, no Norte do distrito de Leiria, Pombal foi quem perdeu menos população na última década. Ainda assim, a queda de residentes foi de 8%, superior aos 3,62% do ritmo de perda da região de Leiria. O presidente da autarquia de Pombal, Diogo Mateus, entende que uma perda tão pronunciada se explica

com uma simples operação de atualização: “A nossa emigração nunca deixou de constar nos cadernos eleitorais. Com a atualização dos cartões de cidadão, acabamos por ter aqui esta situação”. “Temos mais contratos de água e as casas continuam a vender-se”, reforça. Mesmo que seja essa a justificação, caso a população residente baixe dos 50 mil, o executivo municipal perde dois membros e passa a 6 vereadores.

A Câmara Municipal de Pombal, sublinha o autarca, tem no terreno uma bateria de apoios às famílias, precisamente para apoiar a natalidade e o estabelecimento de famílias. As medidas vão desde gratuidade de refeições e transportes escolares para alguns dos alunos, abatimento de IMI para casais com filhos

População residente



Perda de população em dez anos

Fonte: Pordata



“ “



Aos 50 anos consegui cumprir o sonho de uma vida de ter a própria quinta, cultivar os próprios alimentos e ter os seus animais em casa”

Mandy Edwards
Residente em Rapos, concelho de Castanheira de Pera, natural do Reino Unido



Esperemos que a tendência seja revertida porque ainda vai a tempo. Ainda há lá alguma gente a viver e as pessoas ainda gostam de lá viver [Figueiró dos Vinhos]”

Sérgio Godinho
Natural de Figueiró dos Vinhos, tem 27 anos e reside em Lisboa

vas. Ainda assim, este movimento acaba por não ser ainda suficiente para compensar a perda de habitantes nacionais.

Mandy Edwards aproveitou a janela de verão para fazer a viagem, antes que a pandemia impusesse novo encerramento de fronteiras. É também a crise sanitária que, paradoxalmente, pode contribuir para que novos habitantes voltem interessar-se por estes territórios.

“Há muitas pessoas que, por causa da pandemia, estão a reequacionar a forma de viver e de estar”, afirma Jorge Abreu, e isso está a ter reflexo na região. Alda Carvalho diz mesmo que, durante o período de confinamento mais restrito, “houve alguma gente que se radicou nestes concelhos durante um mês ou dois para estarem em teletrabalho”. Isto “pode querer dizer que nestes locais pode haver maior liberdade”, em momentos de crise sanitária, e que pode ser uma oportunidade de atrair pessoas que tenham a possibilidade de adotar o teletrabalho de forma mais permanente.

Sérgio Godinho reforça esta ideia e entende que “a transição digital a que estamos a assistir pode fazer aumentar o interesse em ir para estes locais”. E prossegue: “ontem falei com um colega que é programador informático. Vive na zona de Lisboa, não era de Figueiró, embora já lá tenha estado. Disse que estava a pensar comprar uma casa ali para desenvolver o seu trabalho”. Isto significa que, como pode trabalhar à distância, “prefere viver com calma, sem trânsito e com boa qualidade de vida do que no meio do frenesim da cidade”, diz. Nem tudo são fatores dissuasores, portanto. No meio dos gráficos que deixam qualquer um pessimista, há pequenos sinais que mostram que pode haver retorno para os territórios envelhecidos.

e apoios ao acesso às creches e jardins-de-infância.

Reconhece que os municípios vizinhos não têm a dimensão de Pombal e que isso pode ser um entrave à política de apoios. No entanto, há soluções que são aplicadas nas freguesias de Pombal, exemplifica, como a formação de serviços partilhados, que podem ajudar a gerar ganhos, escala e eficiência. Ainda assim, independentemente do esforço local, há políticas que precisam de um enquadramento nacional, sustenta.

A nível regional, parte desse enquadramento é feito pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Centro (CCDR). Ao REGIÃO DE LEIRIA, a recém-eleita presidente da CCDRC, Isabel Damasceno, referiu que “o grande problema do interior é a falta de pessoas”.

Olhando para o Norte de Leiria, de acordo com a linha traçada pela Unidade de Missão para Valorização do Interior - o organismo governamental que depois passou a secretaria de Estado -, a definição de interior exceptua Pombal, concelho de perfil e dimensões diferentes. E a população do interior, sem novas políticas, será cada vez mais reduzida.

“Se não conseguirmos ter pessoas no interior, não vamos ter desenvolvimento”, declara Isabel Damasceno, para quem o Programa de Revitalização do Pinhal Interior (PRPI), um instrumento desenhado na sequência dos incêndios de 2017, “é uma ajuda muito boa”. No entanto, o PRPI, avisa, “nunca vai resolver tudo”.

O problema não é só a perda de população. É também o seu envelhecimento progressivo. Se

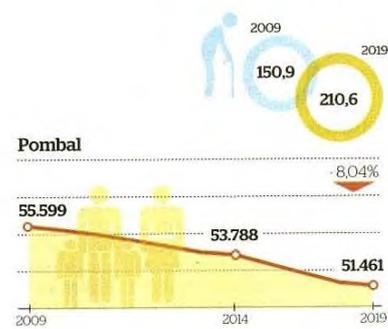
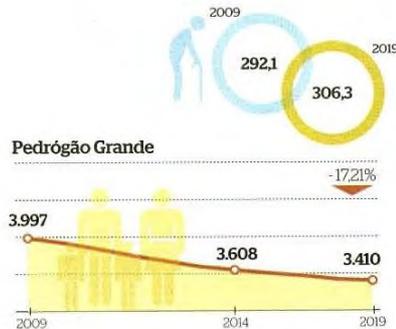
é sabido que Portugal apresenta dos índices de envelhecimento mais elevados da Europa, há um município do Norte de Leiria que praticamente triplica a média nacional, que é de 161,3 idosos para cada 100 jovens. Voltamos a Castanheira de Pera, que tem 471,5 idosos para cada 100 jovens.

Simpatia e clima ajudam

Apesar disso, nem todo o fumo é negro. Depois de uma vida a trabalhar no Reino Unido, Mandy Edwards chegou a Portugal em agosto, e estabeleceu-se em Rapos, uma minúscula povoação nas imediações de Castanheira de Pera. Depois de adiar a decisão por 14 anos (à espera que os filhos crescessem), quase a chegar aos 50, conseguiu cumprir o “sonho de uma vida de ter a própria quinta, cultivar os

próprios alimentos e ter os seus animais em casa”. A motivação foi a necessidade de desacelerar, os preços acessíveis deram um empurrão para que se fosse de Londres para Castanheira e a simpatia das pessoas e o clima foram um bônus, acrescenta.

Mandy Edwards ainda não aparece nos números, mas é um dos rostos que ilustram a crescente tendência de fixação de cidadãos estrangeiros em concelhos que assistem à partida de cada vez mais portugueses. Desde 2019, o número de estrangeiros a escolher Figueiró dos Vinhos para viver disparou 274%, com o mesmo indicador a subir 215% em Pedrógão Grande. E isto aconteceu apesar dos incêndios de 2017. Também Castanheira de Pera, Alvaiázere e Ansião registaram subidas muito expressi-





01

Uma região em que a economia anda a várias velocidades

Instalado na entrada Oeste de Figueiró dos Vinhos, o largo edifício pintado de fresco em tom salmão é um híbrido: o módulo central, com uma arquitetura de meados do século XX, desenhado com traços de português suave, contrasta com as suas volumosas alas metalizadas, com aspeto de hangar. O Complexo Empresarial Sonuma, instalado numa antiga recauchutagem reconvertida, dá corpo ao mais recente esforço da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos para dinamizar o seu tecido empresarial, numa região que tem a economia a várias velocidades, com Pombal à frente, Alvaiázere e Ansião no grupo intermédio, e uma cauda formada por Figueiró, Pedrogão Grande e Castanheira de Pera.

Somados, os sete espaços da Sonuma têm uma área de quase cinco mil metros quadrados, estão já concessionados, embora nem todos estejam já ocupados. Falta também a inauguração formal do complexo que custou 1,2 milhões de euros, que

chegou a estar marcada para dia 30 de Outubro, mas que foi adiada por conta das restrições à circulação no fim-de-semana de finados. Esta é a tentativa de Figueiró dos Vinhos “se diferenciar, numa área em que a concorrência é transversal”, explica o presidente da autarquia, Jorge Abreu.

A concorrência não é o único desafio destes territórios, diz o presidente da Associação Empresarial Penedo do Granada e Médio Zêzere (AEPGMZ), António Figueira Domingues, que não gosta de usar a palavra “interior”. “Estamos a falar de zonas de baixa densidade, onde nem sempre é fácil encontrar os quadros com know how para as tarefas exigidas”, descreve. E dá o exemplo de duas empresas, uma no sector da metalomecânica outra no sector têxtil, que investiram na região e tiveram dificuldade em preencher quadros técnicos intermédios.

O problema de Castanheira de Pera, também a braços com perda da população, começa na

“

Há situações do interior que são por si, com um trabalho de formiguinha para levar para lá empresas e a criação de emprego. Sem isso as pessoas não se fixam nestas regiões”

Isabel Damasceno

Presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Centro,

ausência de uma zona industrial, introduz a sua presidente de câmara, Alda Carvalho. Refere também que os municípios têm dimensão reduzida e estão a perder população, o que significa meios limitados. Sem recursos próprios, “os municípios vão aproveitando os avisos que vão saindo”, diz Alda Carvalho. No entanto, acrescenta, que, nos últimos tempos, têm sido abertos avisos específicos que olham para as necessidades destes territórios.

É aí mesmo, nas linhas de financiamento comunitário dedicadas ao interior, que tem que estar o foco dos municípios, defende a presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Centro, Isabel Damasceno. “Há situações do interior que são por si, com um trabalho de formiguinha para levar para lá empresas e a criação de emprego. Sem isso as pessoas não se fixam nestas regiões”, afirma a responsável, dando como exemplo o caso do Fundão, que tem vindo a desenvolver esse trabalho para atrair investimento. Foi um exer-

cício de “pesca à linha, com muito trabalho do autarca”, diz.

Um trabalho que, garante o presidente da Câmara Municipal de Pombal, Diogo Mateus, a autarquia tem feito. A tabela do Valor Acrescentado Bruto (VAB) – um indicador económico que mede a produção de riqueza - mostra que, de facto Pombal está num outro campeonato, uma posição a que não é alheia a geografia privilegiada, sendo o único deste grupo de concelhos do Norte de Leiria que escapa ao rótulo da interioridade. E isso ajuda. Em 2018, o VAB de Pombal foi 426 milhões de euros. O município que ocupa o segundo lugar é Alvaiázere, com 78,6 milhões de euros. Acresce que Pombal é atravessado por alguns dos principais eixos de ligação do país: autoestradas como a A1 e a A17, vias com o IC2 e o IC8, além das linhas ferroviárias do Norte e do Oeste. Diogo Mateus não tem dúvidas que estas ligações são determinantes. Também isso explica o tecido empresarial “diversificado e bem consolidado”, refere o dirigente da Associação



02



03



04

- 01 Pombal tem empresas de grande dimensão
- 02 Anísio tem centro de Negócios que apoia empresas do concelho
- 03 Figueiró dos Vinhos tem um novo parque empresarial
- 04 Parque de madeiras responde a necessidades do sector florestal, em Castanheira de Pera.
Fotos: Joaquim Dâmaso

Industrial do Concelho de Pombal, Manuel Rodrigues Marques, para quem o principal obstáculo é a carga fiscal.

Pombal é também o único deste grupo de concelhos que, segundo o Instituto Nacional de Estatística, tem empresas de grande dimensão, nomeadamente duas. Nos outros municípios, o tecido é composto exclusivamente por pequenas e médias empresas.

É esta pequena escala que leva António Figueira Domingues a considerar que "tem que haver uma estratégia conjunta, uma política concertada entre municípios para o desenvolvimento". A questão da partilha "é fundamental em concelhos tão pequenos", sublinha o dirigente da AEPGMZ, que tem sede em Pedrogão Grande. "Fazer o contrário. É condenar a região a

uma morte", diz.

Esse caminho, defende o presidente da câmara de Figueiró dos Vinhos, já está a ser seguido no caso do Programa de Revitalização do Pinhal Interior (PRPI), cuja revisão envolve um esforço concertado dos autarcas da região, não só de Leiria, mas também de Coimbra e Castelo Branco. Em Setembro, a Secretária de Estado da Valorização do Interior, Isabel Ferreira, reuniu-se com os presidentes de câmara em Penela, com a atualização do PRPI na agenda. Jorge Abreu diz que o objetivo dos municípios é elaborar um plano para que, quando os fundos comunitários da "bazuca" europeia estiverem disponíveis, as autarquias do Pinhal Interior tenham argumentos para reclamar parte e dizer onde querem aplicá-los. CS

Floresta, a oportunidade difícil de agarrar

A partir de 2017, a discussão sobre a floresta entrou no mapa de prioridades da discussão política nacional. Apesar disso, nota a Associação de Produtores e Proprietários Florestais do Concelho de Pedrogão Grande (APFLOR), que intervém sobre um território fustigado pelos grandes incêndios, continua a ser difícil o acesso aos apoios para este sector.

Em resposta a questões enviadas pelo Região de Leiria, a associação refere que as medidas tomadas após os incêndios de 2017 "foram direcionadas pelo Programa de Desenvolvimento Rural 2020". A APFLOR apoiou diversos proprietários nas candidaturas a este instrumento de financiamento comunitário, mas o número de submissões

acabou por ficar "aquém das expectativas". A explicação? Vários fatores, entre eles a "burocracia associada, o absentismo dos proprietários e o desânimo" face à destruição causada pelo fogo. Com incêndios "cada vez mais frequentes", os proprietários acabam por não ter músculo financeiro para voltar a investir na floresta. Esta questão que não pode ser dissociada "de uma perceção de risco elevado". Depois ainda há as pragas e doenças.

Assim, uma conjugação de problemas estruturais com elevados riscos, leva "a uma retração dos investimentos na propriedade privada, quer ao nível das boas práticas para um aumento da produtividade, quer ao nível da proteção da floresta contra

agentes bióticos e abióticos", refere a APFLOR. O sector acaba por sofrer também de outros males das empresas da região e, como consequência da diminuição da população, tem também dificuldade em encontrar mão-de-obra.

A monocultura do eucalipto foi apontada como um dos problemas que contribuíram para a severidade dos incêndios de 2017. A APFLOR refere há alternativas economicamente viáveis, como o castanheiro e o medronheiro, mas estas espécies não são soluções transversais a todo o território. "O que se pretende da floresta não é uma monocultura, mas sim uma gestão efetiva e criar mecanismos de incentivos adaptados a cada região", sublinha a organização.

Pode o turismo ser a alavanca que falta?

Há cinco anos, Maria João Neves trocou Lisboa, onde nasceu, por Castanheira de Pera, a terra natal do pai. Mais precisamente pela aldeia de Camelo, na Serra da Lousã, pequena povoação que não terá mais de 10 residentes. Foi ali que recuperou quatro casas para arrancar com um negócio de alojamento, mais vocacionado para turismo de natureza, que, até este ano, recebia tantos estrangeiros como portugueses.

A proprietária da Camelo Casas de Campo explica que a última época alta foi diferente. A pandemia que começou por se fazer sentir em Portugal em Março trouxe com ela uma onda de cancelamentos mas, no Verão, acabou por ter taxas de ocupação a rondar 90%. “Este ano, praticamente só vieram portugueses. Notou-se significativamente”, refere Maria João Neves. Isto significa que os visitantes nacionais acabaram por compensar a quebra dos estrangeiros.

Quem passou por concelhos como Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera ou Pedrógão Grande, notou uma maior movimentação, ainda que esta dinâmica não tem números a definir-lhe os contornos, como refere ao REGIÃO DE LEIRIA o Turismo do Centro (ver artigo secundário). Ainda assim, os números preliminares parecem confirmar uma suspeita: em ano de crise sanitária, a procura por sítios menos povoados subiu.

Houve pontos do Norte do distrito em que a diferença para anos anteriores não precisa de esperar pelas estatísticas oficiais. Um deles encontra-se em Figueiró dos Vinhos, que, com a instalação de uma nova secção de passadiços, inaugurou em 2020 o percurso das Fragas de São Simão, um projeto que alcançou notoriedade imediata, mesmo antes da projeção que a nomeação para os prémios World Travel Awards lhe valeu (que acabou por perder para o homólogo do Paiva). O efeito foi instantâneo e, quem tentasse fazer o percurso – que, passando para lá da Ribeira do Alge, tem ligação à aldeia de Casal

“ “



Esperamos que a dinâmica [de turismo nesta região] se mantenha, mas sabemos que temos um longo caminho a percorrer”

Alda Carvalho
Presidente da Câmara Municipal de Castanheira de Pera



Não temos os cálculos porque os passadiços são de livre acesso. A quantidade de gente, mesmo sem estar quantificada, foi surpreendente.”

Jorge Abreu
Presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos

de São Simão – teria uma certa dificuldade em manter o distanciamento social.

“Não temos os cálculos porque os passadiços são de livre acesso”, começa por explicar o presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, Jorge Abreu. “Mas a quantidade de gente, mesmo sem estar quantificada, foi surpreendente”, prossegue. Isto acabou por criar algumas dificuldades, como a organização do estacionamento e trânsito, que a autarquia não tinha planeado, contando que a afluência não fosse tão expressiva. Ao mesmo tempo, a multidão acaba por dar “reconhecimento total” ao novo percurso.

A presidente da Câmara Municipal de Castanheira de Pera, Alda Carvalho, também diz ter notado maior movimento, embora ressalve que os números de um grande complexo como a Praia das Rocas não sejam grande barómetro para medir a afluência de turistas a estes territórios. Com a lotação limitada

em ano de pandemia, a ampla piscina artificial registou menos entradas que em anos anteriores. E mesmo que os emigrantes não tenham regressado à terra natal neste Verão, houve mais pessoas nos restaurantes e comércio, mencionada a autarca.

Há vários pontos de interesse a nascer na área, que potenciam estes concelhos como destino de natureza. Outro dos movimentos que ajudaram a aumentar o número de pessoas a passar pelo território é da Estrada Nacional 2, a via que atravessa Portugal de Norte a Sul e que passa por Pedrógão Grande. “Teve um impacto enorme”, começa por dizer o presidente da Associação Empresarial Penedo do Granada, António Figueira Domingues. “Notou-se uma afluência muito grande na região, sem que tenha havido capacidade de resposta”, refere, o que indicia que há ainda uma margem de crescimento, nomeadamente na implantação de estabelecimentos de hotelaria. “Há algum bom trabalho

desenvolvido nessa área”, considera, mas entende que, “com maior organização entre os concelhos, o turismo ainda pode ser potenciado”.

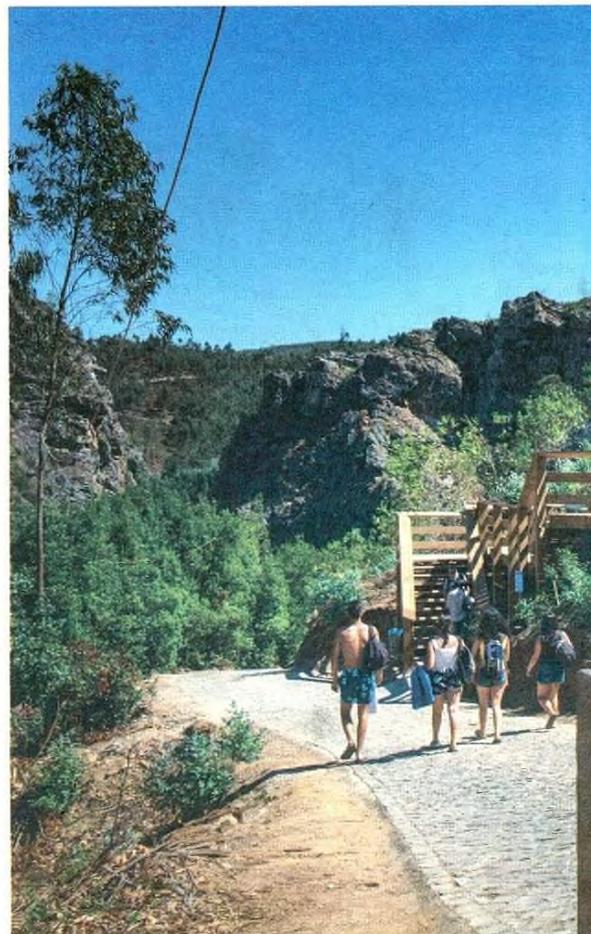
António Figueira Domingues aponta o caso da Praia das Rocas como “um dos poucos projetos estruturantes da região” que, estando localizado em Castanheira, acaba por ter impacto nos concelhos limítrofes. Mas não é todos os dias que nasce um projeto como a piscina artificial de Castanheira de Pera, com as câmaras de pequena dimensão a terem dificuldade em pôr de pé empreendimentos de tamanha monta.

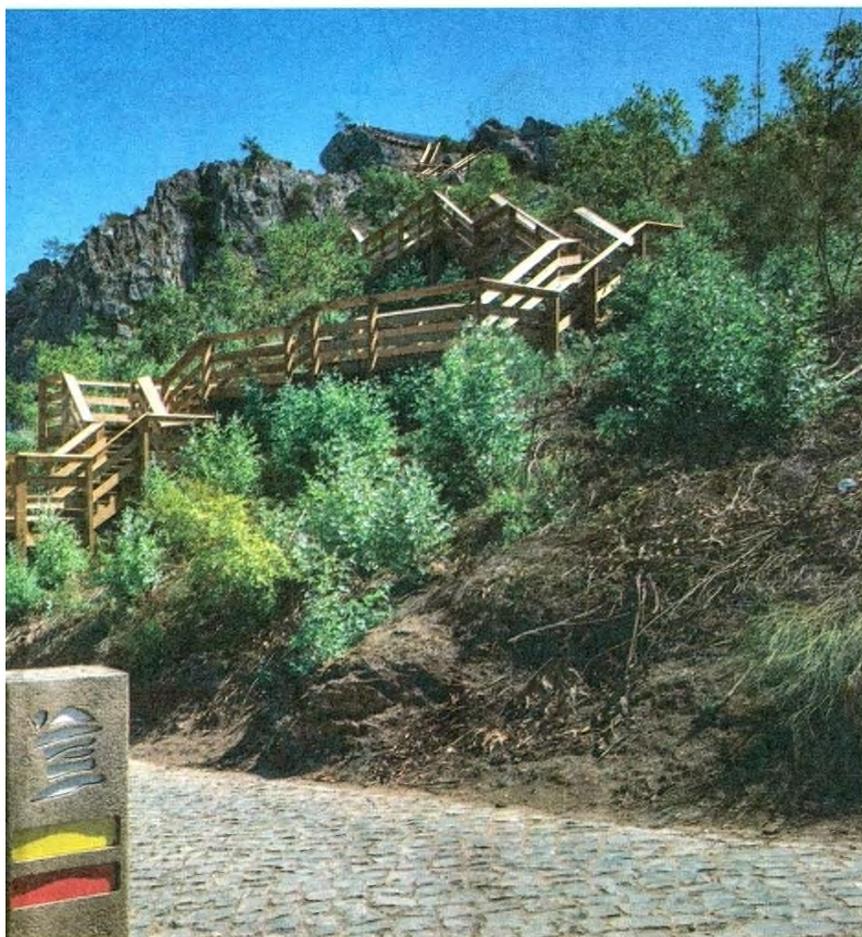
Embora de natureza diferente, parte da solução pode passar pelas pequenas iniciativas. Foi esse o princípio seguido pelo Creatour, um projeto de investigação do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. “O turismo criativo tem um enorme potencial para dinamizar estes meios rurais ou cidades mais pequena”, expli-

ca a investigadora Sílvia Silva, pois têm a capacidade de “atrair pessoas a lugares que, de outra forma, não iriam visitar”. Isto acontece através de iniciativas de “pequena escala, com poucos participantes, mas que podem envolver uma diversidade de indivíduos, como empresas, artesãos, alojamentos e restaurantes”. Tendo desenvolvido várias destas ações de Norte a Sul do país, uma delas foi em Ansião, em 2018, quando o município recebeu 20 estudantes de Mérida, que visitaram o Complexo Monumental de Santiago da Guarda, mas também o vizinho Museu de Conimbriga.

Mas a investigadora avisa que há ainda muito caminho a percorrer e que a dispersão geográfica, a diversidade das instituições envolvidas e a necessidade de formar quem está nos territórios são grandes desafios.

Se estas pequenas ações apontam possibilidades, também a programação cultural tem dado os seus passos nos concelhos do





O interior mexe mais, mas ainda não há números

A indicação do Turismo Centro de Portugal é que as regiões do interior registaram um bom desempenho num ano de pandemia, embora a entidade ainda não disponha de dados completos. Também ainda não tem números específicos por município, mas os dados parciais mostram um cenário animador, num 2020 que acabou por ter muito menos estrangeiros a dormir em Portugal.

Dados preliminares que o Turismo Centro de Portugal enviou ao Região de Leiria mostram que o turismo em espaços rurais registou, em Agosto, uma taxa de ocupação de 54,6%, uma percentagem que ainda só contempla 91 dos 604 espaços de alojamento rural existentes na região. Os destaques vão para regiões como a Beira Baixa e Beiras e Serra da Estrela, que registaram taxas de ocupação de 68% e 65%, respectivamente.

Ressalvando que não pode oferecer um retrato completo, a proprietária da Camelo Casas de Campo, Maria João Neves, diz que algumas das pessoas que ali ficaram alojadas tinham por hábito fazer férias no estrangeiro

mas que, em ano de pandemia, optaram por ficar em Portugal. Também houve quem costumasse rumar ao Algarve para umas férias de praia e que decidiu este distribuir por várias regiões do país que habitualmente têm menor pressão turística.

Ainda assim, o número de dormidas nos concelhos do Norte do concelho em anos anteriores mostra que a região está a anos-luz de outros municípios com mais estabelecimentos de hotelaria. Em 2019, dormiram pouco mais de 46 mil pessoas em Pombal, o concelho do Norte com maior número de dormidas. A Marinha Grande, por exemplo, registou mais de 121 mil.

No entanto, por ser pouco explorado, este sector tem também grande margem de crescimento. Olhando para Castanheira de Pera, por exemplo, o concelho registou 3274 dormidas em 2018, um número que subiu para 6448 em 2019. Ou seja, disparou 96,95%, num ano em que o crescimento médio nacional foi de apenas 3,69%. Na mesma linha, Alvaiázere, com 2953 dormidas, cresceu 84,45% em relação a 2018.

Norte do distrito de Leiria. Embora por razões trágicas, 2017 foi o ano em que o território se encontrou debaixo do holofote mediático nacional e daí germinaram ideias, embora nenhum dos oito projetos apoiados pela Direção-Geral da Artes em 2019, no âmbito do Programa de Revitalização do Pinhal Interior seja de um município de Leiria. Promovido pela Arte-Via Cooperativa, sediada da Lousã, o Festival Literário Internacional do Interior – Palavras do Fogo vai na terceira edição e estende a sua programação a vários concelhos da região afectada pelos incêndios, entre eles Castanheira de Pera e Figueiró dos Vinhos. Este último concelho conseguiu também entrar no mapa da arte urbana nacional, ao lançar o Fazunchar, um festival que vai na segunda edição.

“Esperamos que a dinâmica [de turismo nesta região] se mantenha, mas sabemos que temos um longo caminho a percorrer”, concede Alda Carvalho. Para fa-

zer esse caminho, Castanheira conta com projetos como os passadiços da Ribeira das Quelhas – “que estão quase concluídos” – e o aproveitamento de 22 quilómetros de ribeira que devem ser “explorados e valorizados”. Outro dos pontos com potencial, aponta, é o Santo António da Neve, onde se localizam três antigos poços de gelo de uma antiga rede que permitia fazer chegar gelo a Lisboa.

Apesar do êxito, também Figueiró dos Vinhos quer ir mais longe no percurso de S. Simão. Já está a decorrer a instalação de um novo miradouro por trás da capela e o objetivo é que, no futuro, o percurso seja de quatro a cinco quilómetros e circular, refere Jorge Abreu. A câmara está a trabalhar num estudo prévio para esse efeito, num desenho que envolve a instalação de uma ponte suspensa, adianta. Não está descartada a hipótese de cobrar entradas, para capitalizar o interesse nas Fragas de S. Simão. CS